



IV Encontro de Iniciação Científica e Tecnológica  
IV EnICT  
ISSN: 2526-6772  
IFSP – Câmpus Araraquara  
24 e 25 de outubro de 2019



## MARCADORES CONVERSACIONAIS NA FALA DE IDOSOS: UM ESTUDO QUALITATIVO

GABRIELA FERREIRA MARTINS<sup>1</sup>, MARIA BEATRIZ GAMEIRO CORDEIRO<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Graduando em Licenciatura em Letras, Bolsista PIBIFSP, IFSP Câmpus Sertãozinho, gabrielafmartins18@gmail.com

<sup>2</sup> Docente de Língua Portuguesa, IFSP, Câmpus Sertãozinho, mbg@ifsp.edu.br

**Área de conhecimento** (Tabela CNPq): Sociolinguística e Dialetoлогия: 8.01.04.00-2

**RESUMO:** O presente trabalho apresenta um breve recorte do projeto de Iniciação Científica “Estudo sociolinguístico sobre as variações linguísticas na fala da terceira idade”. Nesse recorte, o objetivo principal foi investigar o uso de marcadores conversacionais, unidades típicas de fala, dotadas de grande frequência, recorrência, convencionalidade, em entrevistas orais, mostrando as funções discursivas e interacionais que exercem em determinados contextos. A análise fundamentou-se em alguns princípios da Sociolinguística, como por exemplo, o pressuposto de analisar a língua em uso, relacionando as variações linguísticas a fatores sociais. Da mesma maneira, seguiu certos passos metodológicos da Teoria da variação, assim, o primeiro passo foi a coleta do *corpus*, a escolha do elemento linguístico em “variação” e a sua relação com fatores linguísticos e sociais. Para este trabalho, foram coletadas duas entrevistas do tipo “informante e documentador”, tal como estabelece Labov (1972), as quais buscam o registro de falas espontâneas dos informantes, isto é, o vernáculo. Porém, embora a Sociolinguística laboviana seja essencialmente quantitativa, trabalhando com uma quantidade de dados expressivos, como se trata de um recorte do projeto, realizamos um estudo qualitativo, averiguando o uso de marcadores em duas transcrições de diálogo entre documentador e informante. Dados do estrato social dos informantes, tais como: grau de escolaridade e classe social revelaram influenciar o uso dos marcadores, pois o falante de maior escolaridade usou um marcador mais formal, *assim*, ao passo que o informante com menor escolaridade empregou o *né*, mais coloquial. A função mais comum desses marcadores conversacionais encontrados foi, respectivamente, a finalidade de marcar sequenciamento narrativo, conferindo continuidade ao discurso e organizando à fala e para o falante testar o grau de atenção e participação do interlocutor. Outro resultado interessante foi a recorrência de marcadores em uma conversa informal de um falante com pós-graduação, a qual pôde colaborar para desmistificar a crença de que os marcadores são elementos usados por pessoas não escolarizadas, que dificultam a compreensão do texto, atrapalhando sua organização dentre outras concepções equivocadas a respeito de textos orais.

**PALAVRAS-CHAVE:** língua falada; marcador conversacional; sociolinguística; variação.

### INTRODUÇÃO

Os estudos linguísticos, desde Saussure (1916) até a década de 1960, focavam a análise da língua por si só, desconsiderando fatores externos, considerando a língua como um sistema homogêneo. Dessa forma, ignoraram usos linguísticos reais, trabalhavam com dados hipotéticos, partindo do pressuposto de que a variação era sinônimo de assistemática. Nesse contexto, priorizava-se o estudo da língua enquanto sistema, por isso, a fala não tinha espaço na análise linguística. Porém, estudos sociolinguísticos demonstraram que a variação na fala é passível de sistematicidade, que existe uma regularidade na variação condicionada por fatores linguísticos e sociais (BAGNO, 2017). Assim, desde a instituição da Sociolinguística na década de 60, houve uma profusão de estudos sobre a língua falada, prática mais comum do dia a dia do ser humano, independente do seu nível sociocultural (LOURENÇO, 2014). Embora haja inúmeros estudos sociolinguísticos no Brasil atualmente, um trabalho como esse ainda é relevante para alterar essa concepção de homogeneidade linguística imposta às pessoas, principalmente a estudantes de

Letras que chegam ao curso com esse pensamento hegemônico das teorias linguísticas tradicionais do início do século XX. Dessa maneira, esse trabalho surgiu após o contato da pesquisadora com a disciplina de “Sociolinguística” na graduação, que passou a observar, empiricamente, variações na fala de idosos, o que motivou o desenvolvimento de um projeto de iniciação científica sobre a variação linguística desses falantes. Nesse trabalho, apresenta-se apenas um recorte dessa pesquisa, analisando os marcadores conversacionais presentes em diálogos entre informante e documentador (DID), recurso muito presente na maioria das entrevistas coletadas.

Os marcadores conversacionais (MC), concebidos por Urbano (1997, p. 81) como “elementos de variada natureza, estrutura, dimensão, complexidade semântico-sintática, aparentemente supérfluos ou até complicadores, mas de indiscutível significação e importância para qualquer análise do texto oral e para uma boa e cabal compreensão”, são muito frequentes na fala devido às múltiplas funções sintáticas e semânticas que podem desempenhar. Na definição de Urbano (1997), nota-se que qualquer elemento linguístico, desde advérbios, como “assim”; elementos lexicalizados, como “sabe”, são selecionados para planejar, organizar, retificar ou ratificar a fala, enfatizar uma informação, dentre outras finalidades. Um dos marcadores mais comumente observados é a contração da expressão, “não é?”, “né”, utilizada para confirmar o que foi dito anteriormente, verificar se o interlocutor está compreendendo e acompanhando a fala, dentre outras funções. Com base na ciência de que tais elementos são constitutivos da fala, este trabalho, a fim de ilustrar o uso e a funcionalidade dos marcadores, utilizou como *corpus* as transcrições das gravações coletadas no primeiro semestre de 2019, com o enfoque na forma como eles atuam no discurso dos idosos.

Além da relevância para estudantes do Curso de Letras, tal estudo também é importante para combater o preconceito sobre a supremacia da escrita em detrimento da fala, porquanto demonstra as peculiaridades organizacionais do gênero “conversa espontânea” a fim de diminuir o preconceito de que a fala é desorganizada, assimétrica, imprecisa, não normatizada, redundante e não planejada.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como fundamentação teórica, apresentamos, basicamente, alguns estudos sobre os MC que discutem não somente sua definição e emprego, mas também seu caráter semântico-discursivo heterogêneo. Nesse viés, Kodric (2009, p. 01) os concebe como: “[...] elementos de caráter cognitivo informativo que ficam à margem do assunto, desnecessários para o entendimento do contexto”, mas atuam tanto no texto, estabelecendo elos coesivos entre as partes, como no plano interpessoal, mantendo a interação falante/ouvinte e auxiliando no planejamento da fala (FREITAG, 2007). Nessa concepção, a despeito de se reconhecerem as contribuições para a coesão e coerência, observa-se um caráter de marginalidade atribuído aos MC visto que não integram o conteúdo do texto em si, tal como ratifica Urbano (1993, p.85): “marcadores conversacionais são unidades típicas de fala, dotadas de grande frequência, recorrência, convencionalidade, idiomaticidade e significação discurso-interacional, mas que geralmente não integram o conteúdo cognitivo do texto.” O mesmo autor ressalva que os marcadores ajudam a construir e garantir a coesão e coerência ao texto falado, especialmente sob do enfoque conversacional. Nesse sentido, funcionam como articuladores não só das unidades cognitivo-informativas do texto como também de seus interlocutores, revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto, naquilo que ela, a produção, representa de interacional e pragmático (URBANO, 1993, p. 85-86). Já Marcuschi (1989, p. 282) salienta que os marcadores conversacionais têm um caráter multifuncional, pois agem como organizadores da interação, articuladores dos textos e como indicação para introduzir uma intenção na fala.

Lourenço, por sua vez, ressalta as diversas funções que os marcadores conversacionais podem desempenhar, tais como: manter o turno, preencher silêncios, monitorar o ouvinte, marcar unidades temáticas, indicar início e fim de asserções, dúvidas, antecipar o que será dito, corrigir os dizeres anteriores, reorganizar a fala e orientar o discurso (LOURENÇO, 2014). Dessa forma, os marcadores podem ser subdivididos em três tipos, são eles: verbais, não-verbais e suprasegmentais. Os verbais “não contribuem propriamente com informações novas para o desenvolvimento do tópico, mas situam-no no contexto geral, particular, ou pessoal da conversação.” (MARCUSHI, 1997, p. 62). Os não verbais, como: o olhar, o riso, a gesticulação, têm um papel fundamental na interação face a face. Estabelecem, mantêm e ajustam o contato. Já os suprasegmentais são de natureza linguística, mas não de caráter verbal. Os dois comuns são: as pausas

e o tom de voz. As pausas podem ser curtas, médias ou longas e constituem um fator importante na organização da conversação. São frequentes em final de unidades comunicativas. Esses levantamentos demonstram o preconceito presente nas definições dos marcadores conversacionais e que não são vistos como constituintes do processo de fala espontânea.

## METODOLOGIA

O trabalho iniciou-se com o levantamento bibliográfico sobre os marcadores conversacionais, sobre a fala da terceira idade e sobre a teoria Sociolinguística. Em seguida, foi feita a coleta do *corpus* em uma cidade do interior do Estado de São Paulo. Posteriormente, foi realizada a transcrição dos áudios de gravação de conversas espontâneas realizadas em ambiente não formal, o tipo Diálogo entre Informante e Documentador (DID).

Os sujeitos da pesquisa, denominados informantes, são quatro idosos, dois do gênero feminino e dois do masculino; em relação à escolaridade, dois com ensino superior e pós-graduação e dois apenas com ensino fundamental.

Com base em procedimentos metodológicos de cunho qualitativo, foram analisadas as transcrições e ocorrências dos marcadores conversacionais. Por meio das análises das transcrições, também foi possível estabelecer correlações com outros estudos sobre o tema que embasam a pesquisa.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a análise das transcrições das falas, notou-se a recorrência principalmente dos marcadores “assim”, “né”, “então” que podem ser empregados para testar o grau de atenção e participação do interlocutor (como o *né*), como salienta Urbano (1997) ou para estabelecer continuidade e coesão ao que se fala, como o “assim” e o “então”, os quais, por funcionarem como mecanismos orientadores dos falantes são relevantes no discurso. Além disso, buscam manter parte do sentido e da função sintática, assumindo também uma função pragmática.

Das ocorrências de “assim” transcritas do excerto do *corpus* a seguir, pode-se considerar que o primeiro, o segundo e o quarto apresentaram uma função modalizadora de hesitação do falante, ligando-se, portanto, à situação enunciativa. Por sua vez, o terceiro “assim” atua como introdução de um novo argumento; o quinto (assim como) para introduzir os exemplos, e o sexto “assim” finaliza o raciocínio do turno conversacional.

Tivemos muito... **assim**... amor, muita compreensão na família, mas muito **assim**, vivemos com pouco, **então assim**...era muito **assim**, em termos das nossas brincadeiras, de infância, a gente não tinha por exemplo, muitas...bens, **assim, como** bicicletas, bonecas, **intão** foi uma infância muito criativa... nós tínhamos di criar as nossas brincadeiras, **então** era **assim**...uma comunidade muito:: coesa. (DIDVL- Fonte: da autora).

Embora não se tenha a pretensão de ser um estudo quantitativo, o número de ocorrências em uma só unidade de análise se destaca. Outro fato que deve ser enfatizado é que a fala é de uma professora universitária aposentada, portanto, uma pessoa de alto grau de escolaridade, levando-nos a supor que em uma conversa informal, até mesmo pessoas escolarizadas se valem dos MC. Ainda por meio dessa breve análise, pode-se perceber que a expressão “assim” exerce o papel de organizar e planejar a fala, não sendo um vício ou algo que desestruture o texto falado.

Quanto ao uso do MC “então”, houve somente duas ocorrências, na primeira, ocorre conjuntamente com o “assim”, atuando como introdução de uma ideia, já na segunda ocorrência, funciona como uma conjunção conclusiva, resumindo o que foi dito anteriormente. Ainda em relação ao uso do “então”, pode-se notar a variação fonológica na pronúncia informal “intão” ao invés da padrão: “então”.

Em outro trecho do mesmo DID com a mesma informante, o “assim” novamente mostra-se frequente: [...] Eu morava numa casa **assim**, muito grande, tinha um pomar **assim**, muito **assim** diversificado, **então** todas as nossas frutas eram colhidas por nós mesmos, essas brincadeiras **assim** de subir im árvores, de colher as frutas, né? (DIDVL- Fonte: da autora). Os primeiros “assim” têm uma função modalizadora de hesitação do falante, e o último *assim*, para introduzir um exemplo. É possível perceber

que, a ausência do “assim” não prejudica o conteúdo semântico, corroborando com o que os autores afirmam. Em outro trecho, do mesmo informante, o então aparece, em dois momentos, para dar continuidade ao assunto. Os primeiros “assim” têm função modalizadora de hesitação do falante, o último “assim” finaliza o raciocínio do turno conversacional.

É outra área, **então** essa tá com o caminho mais traçado, ela é concursada, com a vida mais estabilizada né?, **assim** foi uma escolha né? E ela ama o que faz, adora dar aula sabe? (pensando) A outra também, adora **assim** o que faz, mas **assim**, muito desafio, por exemplo, ora ela tá empregada, ora não, é um eterno recomeço, eu vejo. Como a minha história de vida foi muito **assim**, dentro dessa trajetória marcada, **então** pra mim é um pouco diferente, um universo diferente pra (mim). (DIDVL -Fonte: da autora)

a vida da gente é **assim**, o dia a dia é **assim** mesmo, porque num pode para cum tudu né? (DIDC -Fonte: da autora)

No trecho acima, de uma idosa do gênero feminino, com ensino fundamental, o uso do marcador “assim” tem a função modalizadora de hesitação do falante.

Vamos pra lá pra gente colocar em prática, e depois de muitas idas e vindas **né**, parece que eles tão aceitano. É aquele outro sistema **né**? Igual mineiro **né**. Você chega de um país pro outro...quer dizer... até você colocar na cabeça que você quer cooperar e não... (DIDJN - Fonte: da autora)

No trecho acima, que compreende a fala espontânea de um idoso do gênero masculino, com ensino superior e pós-graduado, aparece o marcador “né”, usado para buscar a concordância do informante. Já no excerto de outro informante do gênero masculino, mas apenas com o ensino fundamental, houve o aparecimento do “ai” com o objetivo de dar continuidade a conversa.

Ela sempri compra, é issu **ai**...a minina dela fico de venu cinquenta reais pra mim, ela falo qui foi, mais eu duvidu... e **ai**, ela falo que é... ela num pago, **ai** deu vinti real? (DIDA - Fonte: da autora)

A título de ilustração e para facilitar a visualização das ocorrências dos marcadores, apresenta-se, a seguir, um quadro com as descrições das ocorrências dos marcadores conversacionais levantados no *corpus* da pesquisa, bem como sua função e a sinalização da sua ocorrência no trecho transcrito.

**Quadro 1- Marcadores conversacionais**

Ocorrências de MC	Função do MC	Linha da ocorrência no DID
assim	hesitação	L1- DIDVL
assim	hesitação	L1- DIDVL
assim	introdução	L2- DIDVL
assim	hesitação	L2- DIDVL
assim	introdução	L3- DIDVL
assim	finalização	L5- DIDVL
então	introdução	L4- DIDVL
então	continuidade	L5- DIDVL
assim	hesitação	L1- DIDVL
assim	hesitação	L1- DIDVL
assim	hesitação	L1- DIDVL
então	continuidade	L2- DIDVL

assim	introdução	L2- DIDVL
então	continuidade	L1- DIDVL
assim	hesitação	L2- DIDVL
assim	hesitação	L3- DIDVL
assim	continuidade	L3- DIDVL
assim	hesitação	L5- DIDVL
então	continuidade	L6- DIDVL
assim	continuidade	L1 - DIDC
assim	continuidade	L1 – DIDC
né	concordância	L1- DIDJN
né	concordância	L1- DIDJN
né	concordância	L2- DIDJN
aí	finalização	L1- DIDA
aí	continuidade	L2- DIDA
aí	continuidade	L2- DIDA

Fonte: elaborado pelo autor

O quadro ilustra que no *corpus*, o marcador mais frequente foi “assim” e foi muito recorrente na fala de uma informante com nível superior; na sequência, o segundo marcador mais frequente em sua fala foi “então”, por fim, “aí” ocorreu na fala de um informante menos escolarizado.

## CONCLUSÕES

Durante o levantamento de dados da pesquisa, verificou-se a ocorrência de marcadores conversacionais, empregados para os mais variados fins, seja para sondar o grau de atenção do interlocutor ou para ajustar a continuação da fala. Os marcadores conversacionais aparecem tanto na fala de informantes do gênero masculino, como do feminino. Outro aspecto importante é que ele ocorre tanto na fala dos menos escolarizados, como nas dos informantes com ensino superior, revelando que não se trata de um “vício de linguagem” como muitos defendem, mas sim de um recurso da língua falada espontânea, não planejada, funcionando como elemento conectivo, inclusive. Entende-se, portanto, que os marcadores conversacionais são importantes para o desenvolvimento da fala, pois indicam o início do turno, passagem e sustentação dos períodos e articulação entre os tópicos.

Neste pequeno recorte, além de apresentar as situações em que os marcadores conversacionais aparecem e qual função desempenham, destacou-se, também, que o tema abordado é bastante vasto, importante e deve ser analisado sob diferentes focos da Linguística.

## AGRADECIMENTOS (Opcional)

Agradeço ao PIBIFSP por financiar essa pesquisa e permitir que ela fosse viabilizada. Agradeço a minha orientadora Dr<sup>a</sup> Prof<sup>a</sup> Maria Beatriz, por caminhar comigo e por tudo que me ensina. Agradeço ao Allan por toda ajuda, paciência, cuidado e amor.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. Dicionário crítico da Sociolinguística. **Parábola Editorial**. 2017.

CASOTTI, J. B. C. Os marcadores conversacionais na interação entre idosos. **Revista (Com) textos Linguísticos**. v. 5, n. 5. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, Espírito Santo. 2011.

FREITAG, R. M. K. Marcadores discursivos não são vícios de linguagem. **Revista Interdisciplinar**. v. 4, n. 4, Jul/Dez de 2007. Disponível em <

<https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1091> > Acesso em 19 de ago. de 2019 às 16h31.

KODIC, M. D. T. A caracterização do discurso oral por meio de marcadores conversacionais. **Revista Anagrama**. Porta de revistas da USP. Dez 2009. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35318/38038>> Acesso em 19 de agosto de 2019 às 16h10.

LOURENÇO, D.D.S. Marcadores conversacionais: um estudo sobre suas funções em um diálogo. **Claraboia: Revista do Curso de Letras da UENP**. Jacarezinho, Paraná, n.1/2, p. 99-106. Jun/dez.2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Marcadores Conversacionais. In **Análise da Conversação**. São Paulo: Ática, 1997.

\_\_\_\_\_ **Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas, posições e funções**. Campinas: Unicamp, 1989.

URBANO, Hudinilson. Marcadores conversacionais. In.: PRETI, Dino (org.). **Análise de Textos Oraís**. São Paulo: FFLCH/USP, 1995.